



FÓRUM MUNICIPAL LUÍSA TODI - SETÚBAL, SEGUNDA-FEIRA, 14 DE SETEMBRO, DE 2026 - 21H00



“Baby Driver – Alta Velocidade” (Baby Driver, 2017), realizado por Edgar Wright, é um filme em que a forma e o conteúdo se fundem de maneira quase perfeita. É acima de tudo exercício de cinema coreográfico, onde imagem, montagem, som e música obedecem ao mesmo ritmo, transformando cada sequência numa elaborada peça de precisão mecânica. Se o musical clássico fazia dançar corpos, Edgar Wright faz dançar automóveis.

A história acompanha Baby (Ansel Elgort), um jovem e extraordinário condutor de fugas que trabalha para Doc (Kevin Spacey), um organizador de assaltos que reúne diferentes quadrilhas para cada golpe. Marcado por um acidente de infância que lhe deixou um zumbido permanente nos ouvidos, Baby refugia-se na música, usando auscultadores praticamente em permanência. As canções deixam assim de ser simples acompanhamento sonoro para se tornarem o próprio ritmo da sua vida e da narrativa. Cada travagem, cada disparo, cada mudança de velocidade e cada gesto parecem sincronizados com a banda sonora, criando uma sensação de harmonia raramente vista no cinema de ação.

Esta extraordinária relação entre música e imagem constitui o verdadeiro génio do filme. Edgar Wright, que desde Shaun of the Dead e Hot Fuzz demonstrara um talento muito particular para a montagem rítmica, leva aqui essa ideia ao extremo. Não se trata apenas de ilustrar uma sequência com uma canção; é toda a mise-en-scène que nasce da própria estrutura musical.



O resultado aproxima-se por vezes do videoclip, mas sem nunca perder consistência narrativa. Pelo contrário, a música torna-se linguagem cinematográfica.

Apesar da exuberância formal, “Baby Driver” possui um surpreendente coração romântico. A relação entre Baby e Debora (Lily James) recupera o espírito dos

romances americanos clássicos, oferecendo ao protagonista uma possibilidade de redenção num universo dominado pela violência e pelo crime. Wright evita o cinismo frequente do cinema contemporâneo e acredita, ainda que discretamente, na possibilidade de uma segunda oportunidade.

Visualmente, o filme impressiona pelo rigor da realização. As perseguições automóveis são filmadas com uma clareza exemplar, recusando a montagem caótica e a câmara excessivamente trémula que durante anos dominaram o género. Cada trajectória é perfeitamente compreensível, cada espaço é cuidadosamente definido e cada movimento possui uma função dramática. Edgar Wright demonstra que o verdadeiro espetáculo nasce da precisão e não da confusão.

A banda sonora é, naturalmente, um dos grandes protagonistas do filme. Em vez de recorrer a uma composição original dominante, Wright constrói uma extraordinária seleção musical que atravessa várias décadas e estilos, de The Jon Spencer Blues Explosion a Queen, de Simon & Garfunkel a Barry White. Poucas vezes uma escolha musical esteve tão intimamente ligada à construção narrativa. As canções não ilustram simplesmente a ação; determinam-lhe o ritmo, o tom e até a própria montagem.



O elenco revela-se igualmente notável. Ansel Elgort constrói um protagonista invulgarmente contido, comunicando mais através do olhar e da linguagem corporal do que das palavras. À sua volta, Kevin Spacey oferece uma interpretação elegante e ambígua, enquanto Jon Hamm cria uma personagem cuja crescente instabilidade se torna uma ameaça constante. Jamie Foxx acrescenta uma energia imprevisível ao papel de Bats, transformando-o num dos elementos mais perigosos da narrativa. Lily James empresta à história uma delicadeza que impede o filme de se reduzir a um mero exercício de estilo.

Embora preste homenagem a clássicos do cinema criminal, dos filmes de assaltos de Walter Hill aos policiais de Michael Mann, “Baby Driver” possui uma identidade muito própria. Edgar Wright demonstra que ainda é possível reinventar um género tão explorado como o thriller de ação através de uma ideia simples, mas executada com absoluta mestria: transformar o cinema em música e a música em cinema.

“Baby Driver – Alta Velocidade” continua a afirmar-se como um dos filmes de ação mais inventivos do século XXI. Divertido, virtuoso e tecnicamente irrepreensível, confirma Edgar Wright como um dos realizadores mais criativos da sua geração e prova que o entretenimento popular pode ser simultaneamente inteligente, sofisticado e profundamente cinematográfico.

BABY DRIVER – ALTA VELOCIDADE

Título original: Baby Driver



Realização: Edgar Wright (Reino Unido, EUA, 2017); Argumento: Edgar Wright; Produção: Nira Park, Tim Bevan, Eric Fellner; Produção executiva: Edgar Wright, James Biddle, Adam Merims, Michelle Wright; Música: Steven Price; Fotografia (cor): Bill Pope; Montagem: Paul Machliss, Jonathan Amos; Casting: Francine Maisler; Design de produção: Marcus Rowland; Direcção artística: Peter Russell, Nigel Evans, Chris Craine; Decoração: Karen O'Hara; Guarda-roupa: Courtney Hoffman; Maquilhagem: Donald Mowat, Heba Thorisdottir, Sabrina Wilson; Direcção de produção: Tim Lewis; Assistentes de realização: John Mahaffie, Bruce Moriarty, Toby Hefferman; Departamento de arte: David F. Klassen, Christopher T. Collins, Mark Garner, Michael E. Goldman, Stephanie Porter; Som: Julian Slater, Tim Cavagin, Mary H. Ellis, Chris Burdon, Nigel Holland; Efeitos especiais: Dominic Tuohy, Paul Corbould; Efeitos visuais: DNEG, Framestore, LipSync Post; Companhias de produção: Working Title Films, Big Talk Productions, Media Rights Capital, TriStar Pictures;

Com: Ansel Elgort (Baby), Kevin Spacey (Doc), Lily James (Debora), Jon Hamm (Buddy), Eiza González (Darling), Jamie Foxx (Bats), Jon Bernthal (Griff), CJ Jones (Joseph), Flea (Eddie), Lanny Joon (J.D.), Sky Ferreira (Mãe de Baby), Hudson Meek (Baby – criança), Micah Howard (Barista), Walter Hill (Juiz – voz, não creditado), Paul Williams (Açougueiro), Killer Mike (Ele próprio), Big Boi (Ele próprio), etc.

Duração: 113 minutos; Distribuição em Portugal: NOS Audiovisuais; Distribuição internacional: Sony Pictures Releasing (TriStar Pictures); Classificação etária: M/16 anos; Estreia em Portugal: 17 de Agosto de 2017.

FÓRUM MUNICIPAL LUÍSA TODI-SETÚBAL | SEGUNDA-FEIRA, 21 DE SETEMBRO DE 202X
Masterclass “Polícias e Ladrões- O Cinema à Lei da Bala”, 21H00 (entrada livre)
“APANHA-ME SE PUDERES”, de Steven Spielberg (2002)